

Resenha

Cuidado em tempos de crise: entre o reconhecimento social e a sobrecarga

*Gabriela Pecantet Siqueira**

ARAÚJO, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de. **Reconfigurações nas agendas de cuidados?** Um estudo comparado entre Argentina e Brasil. Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2023.

O livro *Reconfigurações nas agendas de cuidados?*, publicado em 2023 pela Editora CLAEC, apresenta uma contribuição importante no debate contemporâneo sobre a organização social do cuidado, especialmente no cenário latino-americano. Com base em um estudo comparado entre Brasil e Argentina, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo apresenta uma análise rigorosa, sensível e politicamente comprometida sobre as interseções entre cuidado, gênero, classe e raça no período da Pandemia de Covid-19 e no pós-isolamento social.

A obra é resultado de pesquisa desenvolvida durante seu estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparativos sobre as Américas da Universidade de Brasília, entre março de 2022 e março de 2023, sob a supervisão da profa. Rosamaria Giatti Carneiro na Universidade de Brasília (UNB).

O recorte geográfico da Argentina foi escolhido devido aos esforços em “desenhar e programar políticas de cuidados transformadoras, tendo como centro a corresponsabilidade e a equidade de gênero transformadoras” (Araújo, 2023, p. 20), em contraste com o Brasil, onde o tema não estava na agenda pública em 2022. A Argentina criou estruturas como o Ministério das Mulheres, Gêneros e Diversidade, articulando órgãos governamentais e propondo leis para reconhecer o cuidado como direito, além de desenvolver ferramentas concretas como o Mapa Federal do Cuidado e políticas inovadoras, como o reconhecimento previdenciário do trabalho de cuidado. Em contraste, o Brasil, até 2022, mantinha uma abordagem pouco estruturada, sem coordenação estatal, transferindo a responsabilidade principalmente às famílias, especialmente às

mulheres. A partir de 2023, observa-se uma inflexão marcada pela criação de estruturas institucionais voltadas à discussão do tema, em um contexto de crescente pressão social e política que evidencia o atraso histórico do país e tensiona a incorporação do cuidado na agenda pública.

A pesquisa foi dividida em três fases: levantamento bibliográfico e documental; pesquisa de campo com entrevistas e formulários; e publicização dos resultados preliminares e entrevistas adicionais. A originalidade da obra está em sua perspectiva interseccional e na metodologia híbrida, que conjuga estudos comparados e análises de políticas públicas e documental com o método autobiográfico, por meio da escrevivência (Evaristo, 2005).

2

A interseccionalidade se manifesta na valorização das experiências de mulheres negras como produção legítima de conhecimento, na crítica ao cuidado como categoria racializada e na leitura das cadeias globais de cuidado e na valorização de saberes ancestrais, como forma de se ampliar o conceito para além de perspectivas ocidentais. A adoção da escrevivência, por sua vez, explicita o caráter político da pesquisa. Ao se posicionar como uma mulher negra, neta, sobrinha e filha de mulheres negras, trabalhadoras domésticas, lavadeiras e vendedoras de quitutes, a autora situa a produção do conhecimento em uma experiência social concreta, conferindo densidade analítica e implicação no estudo.

No entanto, a autora poderia ter aprofundado o diálogo com a noção de saberes localizados, proposta por Haraway (1995), também mobilizada na obra, com a concepção de escrevivência de Evaristo (2005). Ambas convergem ao problematizar a noção de um conhecimento neutro e universal, apontando sua função na reprodução do *status quo* e afirmando a centralidade da experiência vivida como fundamento epistemológico. Enquanto Haraway formula perspectiva no plano teórico, ao propor uma crítica às pretensões universalizantes da ciência moderna, Evaristo a materializa no campo da escrita, ao produzir uma narrativa enraizada nas vivências de mulheres negras. Desse modo, a escrevivência apresenta experiências e as converte em instrumento de denúncia, resistência e elaboração de um saber comprometido com a transformação social.

Araújo situa, logo na introdução, o cuidado como uma prática essencial à sustentabilidade da vida e como um conceito multifacetado estando intrinsecamente vinculado à divisão sexual do trabalho. A autora problematiza o cuidado como uma necessidade inerente à condição humana, destacando sua dupla dimensão: por um lado, constitui-se como um direito individual; por outro, deveria ser assumido como uma responsabilidade coletiva. No entanto, historicamente, o cuidado tem sido socialmente atribuído às mulheres, sobretudo as mulheres negras, configurando-se como um trabalho invisibilizado e não remunerado, cuja centralidade se intensificou durante a Pandemia da Covid-19, em razão do isolamento social, do teletrabalho e do fechamento das escolas. Nesse contexto, as desigualdades preexistentes de gênero, raça e classe foram aprofundadas, tornando ainda mais urgente a análise de quem cuida, quem é cuidado e em quais condições.

A obra está estruturada em seis partes. A primeira parte do livro apresenta as bases epistemológicas e o percurso metodológico do estudo. Na segunda parte, para situar o seu lugar de fala (Ribeiro, 2017), a autora apresenta suas experiências pessoais e coletivas como marco reflexivo para a compreensão e discussão sobre o cuidado. A autora mobiliza fragmentos de sua trajetória social para destacar como a mulher negra transcende a condição de “não direito e não cuidado”, assumindo um papel estratégico na contribuição para a construção de uma política de cuidados no Brasil. Isso se dá a partir do legado adquirido através de saberes de sobrevivência, existência e reexistência, contextualizados em uma estrutura social racista.

Na terceira parte, a autora retoma o debate teórico sobre o cuidado, apresentando um panorama que remonta à década de 1980 e explorando a polissemia do conceito, o que contribui para situar leitores não familiarizados com o tema. Nesse percurso, destaca as principais contribuições teóricas, com ênfase em pesquisadoras brasileiras e argentinas. Para sustentar a análise comparativa, são privilegiadas matrizes teóricas que articulam trabalho de cuidado, políticas públicas, direito ao cuidado e interseccionalidade. A partir desse referencial, o estudo aprofunda as múltiplas experiências de cuidado, com especial atenção aos impactos e reconfigurações decorrentes da Pandemia da Covid-19.

Na quarta parte, a discussão se aprofunda na perspectiva interseccional dos cuidados, contribuindo para a compreensão das cadeias globais do cuidado e das múltiplas relações que promovem desigualdades entre as mulheres. Esse tópico particulariza a situação das trabalhadoras domésticas no Brasil e na Argentina, mapeando as contribuições da academia para a construção de uma política de cuidados contextualizada e situada em ambos os países. A abordagem interseccional lança luzes para entender como as categorias de gênero, raça e classe geram distintas formas de opressões, especialmente para mulheres negras e periféricas no Brasil e mulheres migrantes no contexto argentino.

No quinto tópico, são sistematizados e analisados dados da América Latina e Caribe em relação aos cuidados com foco nas mudanças sociais e econômicas que ocorreram durante a Pandemia, bem como as consequências na vida das mulheres. Essa seção destaca as discussões sobre os cuidados enquanto um novo paradigma social, abordando as aproximações e diferenças nas dinâmicas interpessoais (domesticidade), no trabalho remunerado de cuidado (com destaque para o trabalho de enfermagem) e nas políticas que atravessaram as agendas de cuidado.

Por fim, a sexta parte apresenta as entrevistas realizadas com pessoas interlocutoras-chave no Brasil e na Argentina, em 2022 e 2023. Essa seção estabelece um diálogo entre as narrativas e os textos teóricos apresentados no estudo, buscando construir um balanço crítico dos retrocessos e avanços na discussão sobre cuidados, especialmente sobre a sobrecarga feminina, ao mesmo tempo contribui para consolidar o cuidado enquanto uma questão pública e política.

Em suas considerações finais, Araújo afirma que, embora o tema do cuidado tenha ganhado visibilidade, na academia e nas mídias, no contexto da Pandemia, as assimetrias persistiram. As mulheres ainda carregam a maior carga de trabalho de cuidado e o desafio está na consolidação de políticas públicas de cuidado baseadas em justiça social e equidade. Segundo a autora, essas devem ser integrais, intersetoriais, interseccionais e interculturais, promovendo a corresponsabilidade entre Estado, mercado, famílias e comunidade. Seu estudo é, nesse sentido, não apenas uma análise acadêmica, mas também uma convocação à ação coletiva.

Ao longo dos capítulos, a autora traça um panorama crítico das políticas de cuidado em ambos os países. O aspecto importante discutido está associado à racialização e à informalidade do trabalho doméstico, que persiste como marca estrutural tanto no Brasil quanto na Argentina. No caso argentino, porém, a institucionalização do cuidado avançou de forma mais sistemática, com a criação de campanhas nacionais, mesas ministeriais intersetoriais e a formulação do projeto de lei “Cuidar em Igualdade”. Já no Brasil, a Pandemia não foi acompanhada de uma política específica de cuidados. Foi apenas com a mudança de governo em 2023 que se começou a elaborar, de forma mais concreta, um plano nacional de cuidados. O contraste entre os dois países oferece uma oportunidade para reflexão sobre as condições sociopolíticas que favorecem ou inibem a centralidade do cuidado nas agendas públicas.

Outro ponto de destaque refere-se às cadeias globais de cuidado e à crítica à lógica capitalista, que extrai valor da força de trabalho feminina em condições de invisibilidade e subordinação. A autora explicita esse processo e aponta que a transformação das agendas de cuidado exige o enfrentamento dessas dinâmicas por meio de políticas públicas robustas, do fortalecimento de redes comunitárias e de mudanças culturais nos papéis de gênero. Nesse sentido, para além da denúncia das opressões, o estudo também trata das formas de agência e criatividade mobilizadas pelas mulheres no cotidiano ao recuperar saberes historicamente invisibilizados, especialmente aqueles produzidos por mulheres negras e populações tradicionais, contribuindo para uma compreensão mais ampla do cuidado, como prática política, afetiva, coletiva e espiritual.

Essa perspectiva é reforçada pela dimensão autobiográfica da obra. Araújo ao narrar em primeira pessoa sua trajetória, marca seu lugar de fala e transforma o texto também em uma denúncia das persistentes desigualdades raciais e de gênero. A mobilização da memória familiar, articulada ao engajamento com movimentos sociais, confere densidade e sensibilidade política à análise. Embora o entrelaçamento entre biografia, teoria e trabalho de campo poderia ter sido mais aprofundado, dada a sua potência como eixo analítico.

As limitações do estudo dizem respeito principalmente a restrições de tempo, escopo e desafios inerentes à pesquisa comparativa. Destacam-se as diferenças culturais e políticas entre Brasil e Argentina; a limitação temporal,

que impediu maior aprofundamento em políticas recentes; e a ausência de exploração mais detalhada de públicos específicos, como pessoas idosas e com deficiência. Além disso, o estudo não aprofunda o diálogo com pesquisas sobre paternidade nem com saberes tradicionais e ancestrais, especialmente de mulheres indígenas, quilombolas e ciganas. Tais limites indicam a necessidade de novos estudos que ampliem e complementem a agenda de pesquisa em torno do cuidado.

Reconfigurações nas agendas de cuidados? é uma leitura que permite aos pesquisadores apropriarem-se criticamente das discussões sobre cuidado, situando-os nos debates contemporâneos. A combinação entre perspectiva teórica, densidade empírica e sensibilidade narrativa torna o livro uma referência sobre os debates latino-americanos sobre o cuidado. Com uma escrita comprometida, a autora nos oferece um diagnóstico e um horizonte político: o cuidado como centro de um novo pacto social, enraizado em justiça, equidade e pluralidade.

6

***Gabriela Pecantet Siqueira** é doutoranda e mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) da UFPel, com bacharelado em Direito e Antropologia pela mesma universidade. Integra o Núcleo Interseccionalidades de Pesquisa em Gênero, Raça e Sexualidade vinculado ao PPGS/UFPel.

Contato: gabrielapecantet@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5132109340956848>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1548-2300>

Recebido em: 11/09/2025

Aprovado em: 10/05/2026

Editor de texto: Sandro Adams
Editor-Chefe Discente: Sandro Adams

Como citar este texto: SIQUEIRA, Gabriela Pecantet. Cuidado em tempos de crise: entre o reconhecimento social e a sobrecarga. **Perspectivas Sociais**, vol. 12, n. 01, e1230172, 2026.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de. **Reconfigurações nas agendas de cuidados?** Um estudo comparado entre Argentina e Brasil. Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2023.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza M de B; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia, 2005.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.